

Editorial

Uma boa coisa aconteceu depois que a Revista Estudos Políticos se inscreveu como destino para a produção intelectual em ciências humanas, será que podemos dizê-lo (?), no Brasil: os números começaram a se construir meio que por acaso, ao sabor dos vários gostos e perspectivas que compõem o oceano de reflexão sobre a política. Se os editores possuíam uma atividade de formulação de pauta e sugestão dos temas aos autores, agora não, podemos ter a nossa caixa de artigos como uma balança dos semestres, um pequeno indicador da altura dos oceanos. Isso não nos impede as idéias. Mas podemos realizá-las, agora, com a mão invisível, ou, ainda, igualmente com convites, como faremos no último parágrafo, com chamada de artigos para dossiê temático. Que auspiciosa demiurgia! Um número considerável de pareceristas nos ajudam a construir este volume que o amigo leitor tem em mãos. A estes, sempre agradecemos muitíssimo, porque não são remunerados, e sempre de bom grado exercitam os seus rigores para nos ajudar.

Como estávamos a dizer, o número se constrói um pouco por si mesmo. Recebemos, que bom, muitos artigos, e de todas as partes – o que torna a revista de fato nacional, liberta desde muito cedo das amarras regionais. É bonito ver que um sumário se edifica a partir da engenharia que tem vida própria e que também é pensada por nós. Mas de que é feita essa engenharia? Sim, de peças: dossiês, revisões, traduções etc. Mas mais do que isso? Ora, ela é feita de valores. A revista quer trazer diferenças à luz do dia, e não obscurecê-las em vista de um ou outro ponto de vista intelectual. Os editores passam ao largo do juízo que costuma acompanhar a distinção entre filosofia e ciência, artigo e ensaio, e este ou aquele lugar de interpretação e normatividade. E a revista é também apaixonada, como não poderia deixar de ser, pelo pensamento feito no Brasil, sem desconhecer a importância do diálogo com o pensamento produzido fora do país. Sua versão bilíngue, que ora se consolidada no segundo número consecutivo, se esforça por atenuar as fronteiras, por vezes rígidas, entre a produção acadêmica nacional e estrangeira.

Como exemplo deste empenho, inauguramos este número com entrevista de Russell Hardin concedida a Fernando Lattman-Weltman e Cristina Buarque na primavera de 2012, na *New York University*. Nela, o renomado cientista político norte-americano apresenta os principais passos de sua trajetória profissional, comenta o apreço pela obra de Mancur Olson e sua filiação a ela, aponta críticas ao paradigma contratualista, mobiliza debate sobre democracia na cena intelectual norte-americana, comenta o processo então em curso de eleições para presidente dos Estados Unidos e esboça comentários mais gerais sobre sistemas eleitoral e político. Trata-se, a um só tempo, de uma bela peça de introdução ao pensamento de Hardin e uma atualização – a depender da familiaridade que o leitor tenha ou não com o entrevistado.

Em seguida, passamos aos artigos, que reúnem, como já foi dito, um repertório variado de temas e perspectivas que gravitam nas zonas de fronteira da política com a filosofia, a educação e a história. Luís Falcão explora o contraponto entre Veneza e Turquia na composição das imagens de Ocidente e Oriente entre autores republicanos modernos. Bernardo

Bianchi, atento ao estatuto do *finito* na filosofia política, trata do modo como Laurent Bove lê as afinidades interpretativas entre Vauvenargues e Spinoza. Edilza Fontes soma ao campo do pensamento político brasileiro um ângulo pouco usual de investigação: o estado do Pará e suas movimentações políticas em princípio dos anos 1930. A partir das memórias do interventor Magalhães Barata, a autora trata das afinidades entre um estado de periferia e os cenários nacional e internacional de então. Quarenta anos depois do golpe militar no Chile, Ricardo Mendes se debruça sobre a cena chilena à época, com ênfase num dos discursos proferidos por Salvador Allende, em maio de 1973. Além disso, aborda a querela mais recente em torno da memória sobre aquele episódio. Adilson Tavares dedica-se à inserção de Cabo Verde na política internacional, com atenção para as questões de segurança e defesa. Kátia Silva Cunha aborda as políticas de avaliação no campo da educação e, para tanto, mobiliza a teoria do discurso como dispositivo de análise e crítica. Maurício Drumond explora as aproximações do mundo esportivo com a política do Estado Novo português entre 1933 e 1945. Mariângela Nascimento delinea as novas formas e lugares do trabalho e do trabalhador na cena capitalista contemporânea, atenta à reconfiguração da “territorialidade da cooperação social”.

A sessão consecutiva traz resenhas sobre dois títulos recentes no mercado editorial brasileiro. A primeira delas, assinada por Marco Antonio Teixeira, tem por objeto *As ruas e a democracia*, de Marco Aurélio Nogueira, uma reflexão sobre as recentes manifestações políticas que protagonizaram o debate público na segunda metade de 2013. A segunda resenha, de Camila Dias, é sobre *Estado, território e imaginação espacial. O caso da Fundação Brasil Central*, de João Marcelo Maia.

Por fim, a REP traz ao leitor valioso material de pesquisa, com edição fac-similar dos três volumes que compõem a série *Violão de Rua*, publicada pela Civilização Brasileira sob responsabilidade do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1962 e 1963. A publicação deste material foi organizada por Ana Paula Silva Alves e Silvana Telles.

Por fim, mas absolutamente não menos importante, os editores da REP fazem registrar instituição e pessoas que tornaram esta edição possível. Agradecemos à Universidade Federal do Rio de Janeiro na figura da pró-reitora de pós-graduação, Debora Foguel, pela sensibilidade e prontidão com que acolheu o projeto da revista e viabilizou a edição deste número. Agradecemos ainda o apoio da Editora UFRJ, presidida por Michel Misse. Quanto à preparação deste número, envolveu revisão técnica e de português de Andressa Teixeira e traduções de Thiago Nasser e Frank Hanson, sempre revisadas e autorizadas pelos autores. A diagramação deste número esteve a cargo da Sense Design & Comunicação e a assistência de edição esteve nas valiosas mãos de Bárbara Rossin.

Reassumindo a condição de engenheiros, gostaríamos de convocar os colegas a enfrentar o tema da Ontologia Política, para um dossiê a ser publicado em dezembro de 2014, de modo que recebemos artigos até o dia 30 de agosto de 2014. O tema é terreno para alentada controvérsia.

Os Editores